

O Derrida do Derrida e a verdade da verdade em Lacan*

Rogério Paes Henriques (DPS/PPGPS- UFS; Brasil)

*Trabalho apresentado no Colóquio *Ética, lógica e linguagem: introduções ao pensamento de Jacques Derrida*, organizado pelo Grupo de Estudos de Filosofia da Linguagem da UFS (Gefilufs), julho de 2016, Universidade Federal de Sergipe (UFS).

RESUMO

Realiza-se uma análise intertextual que compreende: (1) “O carteiro da verdade”, de Jacques Derrida; (2) o “Seminário sobre ‘A carta roubada’”, de Jacques Lacan; (3) “A carta roubada” de Edgar Allan Poe; (4) os *Escritos*, de Jacques Lacan; (5) “A ciência e a verdade”, de Jacques Lacan. Os textos 2 e 5 pertencem ao texto 4. O texto 2 apropria-se do texto 3. O texto 1, por sua vez, apropria-se dos textos 2, 3 e de parte do texto 4. Por intermédio do texto 5, apropriamo-nos dos textos 1, 2, 3 e 4. O texto 1 extrai um *sistema de verdade* do texto 4, ao generalizar indevidamente as conclusões críticas obtidas a partir do exame específico de um recorte enviesado do texto 4, que inclui o texto 2 e exclui o texto 5. O texto 5 subverte o pretenso *sistema de verdade* do texto 4, extraído pelo texto 1. Se o texto 1 sistematiza e homogeneiza o texto 4, o texto 5 devolve ao texto 4 sua alteridade textual em seus traços diferenciais.

Palavras-chave: Lacan; Derrida; Poe; carta/letra roubada; verdade.

O centramento da verdade em Lacan ou Derrida contra Lacan

O texto “O carteiro da verdade” porta uma acusação de Derrida¹ à psicanálise freudo-lacaniana, não especificamente à sua prática clínica, mas sim à sua prática de leitura, a partir da “psicanálise aplicada” à literatura. Tanto Freud quanto Lacan teriam se apropriado indebitamente da literatura: Freud em *A Interpretação dos Sonhos* e Lacan em “O seminário sobre ‘A carta roubada’”.

A apropriação literária que Derrida denuncia como indébita é aquela que viria a servir meramente como exemplo ilustrativo nobre às verdades psicanalíticas apriorísticas². Assim, Freud, por exemplo, teria reduzido Sófocles, Homero e Andersen ao enfadonho drama edipiano atrelado ao processo primário inconsciente, enquanto Lacan reduziria Poe à lógica do significante e seus efeitos iterativos de determinação sobre os sujeitos, ambos excluindo os aspectos literários dos textos dos quais se apropriaram. Freud e Lacan fariam, portanto, a literatura se deitar no Leito de Procusto da psicanálise aplicada, anulando assim a narrativa literária. Derrida pretende com seu texto fazer justiça à literatura, contra uma certa apropriação desta pela psicanálise, mais especificamente, por Lacan.

Desse modo, Derrida aponta alcances e limites à leitura formalista de Lacan do texto de Poe. Por um lado, a lógica do significante lacaniana rompeu com o semanticismo e o psicobiografismo ingênuos de toda uma crítica psicanalítica pós-freudiana; por outro, seu formalismo de fachada (evidenciado por sua exclusão neutralizadora do narrador de “A carta roubada”) revela-se uma “análise fascinada de um conteúdo”³. Dessa forma, “A estrutura formal do texto [de Poe] é ignorada”⁴ e o comentário de seu conteúdo - mais especificamente, das duas cenas triangulares que Lacan isola [os roubos da carta, respectivamente, nos aposentos reais e no escritório do ministro] - reduzir-se-ia a “um único trajeto *próprio* da carta que retorna a um lugar determinável, sempre o mesmo e que é o seu”⁵. Por intermédio dessa “semântica psicanalítico-transcendental”⁶, desveladora da “castração-verdade”⁷, a leitura “triado-formalista”⁸ de Lacan repetiria aquela “semântico-biográfica”⁹ da intérprete de

¹ Jacques Derrida (1975), O carteiro da verdade, in *O cartão-postal: de Sócrates a Freud e além*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, p. 457-542.

² Os leitores das biografias de Freud conhecem a jactância com a qual ele apontava às obras literárias de sua biblioteca particular como suas principais influências intelectuais.

³ Jacques Derrida, *op. cit.*, p. 474.

⁴ *Ibid.*, p. 478.

⁵ *Ibid.*, p. 483.

⁶ *Ibid.*, p. 484.

⁷ *Ibid.*, p. 488.

⁸ *Ibid.*, p. 529. [Uma das críticas de Derrida a Lacan remete à redução da estrutura quadrangular das duas cenas por ele isoladas à triangulação. Curioso que Lacan já havia, em 1953, em *O mito individual do neurótico*, se referido a uma estrutura quaternária da tematização edipiana, que ele contudo não reproduzirá no “Seminário sobre ‘A carta roubada’”. Cf. René Major (1987), A parábola da carta, in *Lacan com Derrida*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002, p. 136, n. 30.]

⁹ *Idem.*

Poe que a precedeu, Marie Bonaparte - psicanalista destinatária da carta de apresentação de Freud, que integra seu trabalho¹⁰ -, a quem ele julga ter ultrapassado.

Portanto, a carta tem um sentido próprio, um trajeto próprio, um lugar próprio. Quais? Somente Dupin [herói do conto “A carta roubada”], no triângulo, parece sabê-lo. (...) O que ele sabe? Ele sabe que a carta finalmente *se encontra* e onde ela deve *se encontrar* para retornar circularmente, adequadamente, a seu próprio lugar. Esse lugar próprio, conhecido por Dupin assim como pelo psicanalista, que de maneira oscilante ocupa, como veremos, sua posição, é o lugar da castração: a mulher como lugar desvelado da falta de pênis, como verdade do falo, quer dizer, da castração¹¹.

A carta - lugar do significante - se encontra no lugar que Dupin e o psicanalista esperam encontrá-la: sobre o imenso corpo de mulher, entre as ombreiras da lareira [No texto lacaniano original: *entre les jambes de sa cheminéz*, literalmente, entre as pernas de sua lareira]. Tal é o seu lugar próprio, o termo de seu trajeto circular. Ela retorna ao remetente, que não é signatário do bilhete mas o lugar em que ele começou a se *destacar* de seu detentor ou legatário feminino¹².

Também para [Marie] Bonaparte, a castração da mulher (da mãe) é o sentido último, o que quer dizer “A carta roubada”. E a verdade, a readequação, ou a reapropriação, como desejo de tapar o furo¹³.

Derrida intensifica sua crítica e alega ter sido a leitura de Lacan “uma análise textual provavelmente mais simplificadora”¹⁴ que a de Marie Bonaparte, uma vez que esta autora coloca “A carta roubada” em relação com outros textos de Poe, procedimento ao qual Lacan se furtou. Nesse sentido, o rótulo de psicobiografia não basta para desqualificar a análise realizada por Marie Bonaparte: “O interesse por ‘a-vida-do-autor’ não simplifica ali a leitura do texto, assim como o desinteresse não bastaria, aliás, para garanti-la”¹⁵. Diferentemente de Marie Bonaparte, que resiste à tentação, Lacan identifica Dupin com o psicanalista e cai na armadilha de Poe, permanecendo tolo, parte integrante do triângulo narrado (do “drama real”), lá onde se acreditava, de sua pretensa extimidade privilegiada, senhor onividente. Em suma: Lacan, em sua leitura de Poe, teria sofrido os efeitos de divisibilidade da carta/letra roubada, que ameaçam sua “lei [da indivisibilidade] do significante e da castração como contrato com a verdade”¹⁶.

Derrida assinala semelhanças e diferenças entre a leitura de Marie Bonaparte em contrapartida àquela de Lacan: ambos os autores inscreveriam toda sua análise sob o título de *Wiederholungswang* (“automatismo de repetição”), muito embora Lacan tenha foracluído “sem piedade” a problemática do duplo e, por extensão, do *Unheimlichkeit* (inquietante

¹⁰ Marie Bonaparte (1933) *Selections from The Life and Works of Edgar Allan Poe: A Psycho-analytic Interpretation*, in Muller & Richardson (ed.) *The Purloined Poe: Lacan, Derrida and Psychoanalytic Reading*, Baltimore, The John Hopkins University Press, 1988, p. 101-132.

¹¹ Jacques Derrida, *op. cit.*, p. 486; grifo original.

¹² *Ibid.*, p. 487; grifo original.

¹³ *Ibid.*, p. 491.

¹⁴ *Idem.*

¹⁵ Jacques Derrida, *op. cit.*, p. 495.

¹⁶ *Ibid.*, p. 491.

estranheza/estranha familiaridade), que Marie Bonaparte preservou¹⁷; num ponto nodal, contudo, suas leituras convergem:

...embora ambos operem a partir de Freud e no interior de um certo funcionamento da carta roubada, [Marie] Bonaparte e Lacan a interpretam segundo o mesmo querer-dizer: a castração da mãe como sentido último e lugar próprio da carta. Mas ambos não saltam da mesma maneira sobre o texto. As diferenças de estilo e de altura não são aqui negligenciáveis. E um recai sempre, com os riscos conhecidos e a imprudência dogmática habitual, no inconsciente do autor. O outro, com uma vigilância filosófica incomparável nesse campo, na Verdade. Não somente a verdade do texto, mas a Verdade¹⁸.

Derrida prossegue acusando Lacan de fazer uma leitura filosofante da psicanálise, por intermédio do “discurso heideggeriano sobre a verdade”¹⁹ ou da “meditação heideggeriana da verdade”²⁰. Essa filiação “em abismamento” de Lacan a Heidegger já havia sido proposta e desenvolvida por Nancy & Lacoue-Labarthe²¹ em 1973, portanto, dois anos antes da primeira publicação de “O carteiro da verdade”. A denominação “paus-mandados” (*sous-fifres*)²² dada a Nancy & Lacoue-Labarthe por Lacan, ao apresentar a obra deles (*Le titre de la lettre*) ao auditório de seu vigésimo seminário (aula de 20 de fevereiro de 1973), basta para afastarmos qualquer resquício em Derrida da “angústia da influência”²³. Após associar Lacan a Heidegger, Derrida amplia o alcance de sua análise e passa a pôr em xeque não somente a leitura de Lacan do texto de Poe, mas também toda a pretensão do recém-criado campo lacaniano, cuja síntese teórica de 1966 (*Escritos*) reivindicava para si desvelar a letra freudiana, por intermédio de um retorno estruturalista a Freud, assumindo a posição de carteiro da verdade²⁴.

¹⁷ *Ibid.*, p. 505-507.

¹⁸ *Ibid.*, p. 508; correções nossas da tradução brasileira. [Cf. Jacques Derrida (1975), *Le facteur de la vérité*, in *La carte postale: de Socrate à Freud et au-delà*, Paris, Flammarion, 1980, p. 489.]

¹⁹ *Ibid.*, p. 486.

²⁰ *Ibid.*, p. 514.

²¹ Jean-Luc Nancy & Philippe Lacoue-Labarthe (1973), A verdade “homologada”, in *O título da letra: uma leitura de Lacan*, São Paulo, Escuta, 1991, p. 141-156.

²² O tradutor brasileiro, M. D. Magno, verteu essa expressão por “bagrinhos”, provavelmente, no sentido daqueles trabalhadores substitutos que desempenham a tarefa dos titulares, a preço inferior. Cf. Jacques Lacan (1972-73), *O seminário, livro 20: mais, ainda*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, p. 71.

²³ Harold Bloom (1973), *A angústia da influência: uma teoria da poesia*, Rio de Janeiro, Imago, 2002.

²⁴ Após ter sido “excomungado” (esse termo é do próprio Lacan) da *International Psychoanalytical Association* (IPA), Lacan fundou sua própria escola de psicanálise em Paris, em 1964. A coletânea de seus textos, *Escritos*, surgiu na sequência, em 1966, com a finalidade manifesta de retornar a Freud, contra os desvios da letra freudiana operados pelo pós-freudianismo, do qual Marie Bonaparte (durante muito tempo considerada a herdeira do legado de Freud na França) era “parte integrante”; tal finalidade coincide com aquela atingida por Dupin no texto de Poe ao devolver a carta/letra desviada (*purloined letter*) ao seu devido lugar, não por acaso que seu “Seminário sobre ‘A carta roubada’” abre seus *Escritos*, uma exceção à ordem cronológica da coletânea. Recentemente, revelou-se que Jacques-Alain Miller - que se tornaria genro e executor testamentário do espólio literário de Lacan - foi quem, em 1966, sugeriu a Lacan colocar o “Seminário sobre ‘A carta roubada’” no início dos *Escritos*. Cf. Jacques-Alain Miller (2008-09), *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: entre desejo e gozo*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2011, p. 214. Hipotetiza-se que Lacan, ao inaugurar sua coletânea com o “Seminário sobre ‘A carta roubada’”, privilegiaria o significante *odd* (presente no conto de Poe) aplicando-o ao seu próprio estilo. Cf. Nathalie Jaudel, *A lenda negra de Jacques Lacan: Élisabeth Roudinesco e o seu método histórico*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2016, p. 189.

Na sequência de seu texto, Derrida, assinala que “um certo tipo de enunciados sobre a verdade se deu, multiplicou, num momento preciso, na forma de sistema” em Lacan. Assim, “todos os textos situados, mais precisamente publicados, entre 1953 (Discurso dito de Roma) e 1960 parecem pertencer ao mesmo sistema da verdade”. E, de forma denegatória, afirma que “não vamos expor esse sistema de verdade” ao qual “parecem pertencer (...) a **quase totalidade** dos *Escritos*”²⁵. Assim como Marie Bonaparte leu “A carta roubada” em relação com outros textos de Poe (à moda de Baudelaire, que o inseriu numa trilogia, conjuntamente com “Os crimes da rua Morgue” e “O mistério de Marie Roget”), procedimento que Derrida previamente enaltecera, a partir de então, Derrida passa a ler “O seminário sobre ‘A carta roubada’” em relação com outros textos de Lacan. Por conseguinte, as reflexões de Derrida não se referirão mais apenas ao seminário lacaniano sobre o conto de Poe, mas sim à “*quase totalidade*” da obra de Lacan (*Escritos*), da qual este seminário é apenas “parte integrante”.

Derrida parece querer levar a cabo os objetivos diante dos quais Nancy & Lacoue-Labarthe, em seu comentário de “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”²⁶, haviam anteriormente recuado:

...Não que se trate, agora, de estabelecer, sobre a estratégia de Lacan, “toda a verdade”. O projeto, em si mesmo, seria assaz ingênuo; e mesmo que o aceitássemos como realizável, seriam necessários no mínimo tais desvios no conjunto dos *Escritos* (ou mesmo alhures) que ele excederia, de qualquer jeito, os limites que traçamos para este trabalho²⁷.

Assim, Derrida avança onde seus “discípulos” recuaram. Derrida talvez visasse com isso a confrontar a própria empreitada lacaniana (estruturalista) em seu contrato firmado com a verdade/*alétheia* - ideia essa, como vimos, desenvolvida por Nancy & Lacoue-Labarthe²⁸. O desdobramento previsível dessa guinada narrativa do texto derridiano é a generalização de suas críticas ao conjunto da obra de Lacan identificado ao *sistema de verdade*, anteriormente circunscritas especificamente ao seu “Seminário sobre ‘A carta roubada’”.

O que Derrida extrai como sendo o *sistema de verdade em Lacan*, com base em sua análise dos *Escritos*? Eis a *pérola* extraída da *concha*²⁹:

²⁵ Jacques Derrida, *op. cit.*, p. 509; destaque nosso. Cito a frase denegatória no original francês: “Ce système de vérité, condition d’une logique du signifiant, nous n’allons pas l’exposer” (Jacques Derrida, *Le facteur de la vérité*, *op. cit.*, p. 491).

²⁶ Jacques Lacan (1957) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 496-533.

²⁷ Jean-Luc Nancy & Philippe Lacoue-Labarthe, A verdade “homologada”, *op. cit.*, p. 141.

²⁸ Comentando o final de “A instância da letra” os autores concluem: “...dizer que Freud é o sintoma (a metáfora) de Heidegger é reconhecer, afinal, que Heidegger mesmo é, *literalmente*, a verdade de Freud ou, se preferirem, o *próprio* da letra freudiana”. *Ibid.*, p. 150, grifo original.

²⁹ Esses termos equivocam na língua portuguesa com conotações, respectivamente, escatológica e sexual.

(a) “Uma *ênfase* (...) na excelência autêntica do dizer, da fala, da palavra: do *logos* como *phonè*”³⁰; tal “fonocentrismo” militante faz Derrida inscrever Lacan na tradição metafísica da voz: o privilégio da fala sobre a escrita/escritura; o inconsciente não se reduziria aos seus elementos fonéticos (presença da voz via “fala plena”), possuindo uma dimensão escriturária cujo traço interessa a Derrida.

(b) A posição do falo como “transcendental”, definido como um significado privilegiado onde o logos se articula ao desejo e a verdade à castração, em detrimento da deriva incessante da significação (*différance*/disseminação/destinerrância). Com essa denúncia do “falocentrismo”, Derrida busca destronar o lugar de exceção então atribuído ao Nome-do-Pai³¹ na estrutura da linguagem (ponto de basta da cadeia significante e ordenador fálico), que implode o quadro de equivalência que deveria existir entre todos os significantes no seu conjunto de oposições diferenciais.

A língua portuguesa exemplifica primorosamente o vínculo inextrincável entre o falo e a fala, por meio da equivocação do termo “falo”, que pode tanto ser tomado como “significado do desejo da mãe”, como propõe Lacan, quanto como verbo (conjugação de “falar” na primeira pessoa do singular do presente do indicativo)³², que a intuição de Derrida, mesmo que desconhecesse a língua de Camões, reúne no neologismo “falogocentrismo”³³. Cabe ressaltar que Derrida extrai esse “falogocentrismo” como *sistema de verdade em Lacan* do conjunto de textos dos *Escritos*, ao qual ele explicitamente se referiu, e não somente de “A carta roubada”: vislumbra-se um procedimento de plena generalização em curso...

Curioso que nas cerca de vinte páginas³⁴ nas quais Derrida realiza um passeio erudito pelos *Escritos*, impressionante mesmo aos leitores mais exigentes, discorrendo sobre a prosopopeia da verdade em Lacan nas suas relações com o falo/fala, justamente Derrida, leitor tão atento e criterioso que confessadamente pretende aí extrair o *sistema de verdade em Lacan*, tenha sido muito seletivo em sua pesquisa, a ponto de negligenciar o último texto da coletânea lacaniana chamado justamente “A ciência e a verdade”. Trata-se da aula inaugural do *Seminário, livro 13: o objeto da psicanálise* (1965-66, inédito), proferida por Lacan em 1º de dezembro de 1965, na *École Normale Supérieure - ENS* (rue d’Ulm) - instituição esta da qual Derrida era “parte integrante” naquela ocasião -, cuja publicação se deu no *Cahiers pour l’Analyse* pelo Círculo Epistemológico da ENS em janeiro de 1966. Curiosamente, nenhuma referência é feita a esse texto lacaniano, apesar dele portar a “verdade” no título³⁵, desde o momento no

³⁰ Jacques Derrida, *O carteiro da verdade*, *op. cit.*, p. 510.

³¹ Esse termo, embora desenvolvido por Lacan em sua análise da psicose nos *Escritos* (“De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”), só aparece uma única vez em “O carteiro da verdade” na condição de “realidade suposta”, na nota 47 da edição brasileira.

³² Devo essa observação a Jairo Gerbase, *Atos de fala*, Salvador, Campo Psicanalítico, 2015, p. 13, n. 2.

³³ Jacques Derrida, *O carteiro da verdade*, *op. cit.*, p. 526, p. 527, p. 528.

³⁴ *Ibid.*, p. 509-528.

³⁵ Derrida o conhecia desde 1965-66 talvez via apresentação oral na ENS ou via publicação nos cadernos da ENS, senão, certamente, via publicação nos *Escritos*.

qual Derrida se propôs a extrair o *sistema de verdade em Lacan* até o final de “O carteiro da verdade”, de 1975.

Com isso, Derrida se “furta à letra” dos *Escritos*. “Furtar-se à letra” corresponderia “ao roubo da carta/letra de Lacan”, cuja posse lhe conferiria um poder sobre o autor dos *Escritos*? Em caso afirmativo, presume-se que no último tópico de “O carteiro da verdade”, já de posse da carta/letra de Lacan (sistemática da verdade), Derrida estabelece sua própria leitura de “A carta roubada”, resgatando o efeito-narrador à moldura da narrativa de Poe e a inserindo na trilogia de textos sugerida por Baudelaire. Procura então mostrar que a trama escrituraria em questão, que reenviaria à problemática da biblioteca - familiar a Jorge Luis Borges -, seria cortada e silenciada pela leitura de Lacan, no privilégio formalista que quis conceder à lógica do significante. Por suposto, sua conclusão não poderia ser mais antilacanianana, segundo os parâmetros do Lacan recortado por Derrida:

A divisibilidade da carta - é o que se arrisca e desvia sem retorno garantido, a restância do que quer que seja: uma carta *não chega sempre* a seu destino e, posto que isso pertence à sua estrutura, pode-se dizer que ela nunca chega lá verdadeiramente, quando chega, seu poder-não-chegar a atormenta com uma deriva interna³⁶.

Portanto, diferentemente de Lacan, que conclui seu Seminário afirmando que “uma carta sempre chega a seu destino”³⁷, para Derrida, uma carta pode não chegar a seu destino. Enquanto a carta/letra de Lacan seria entregue a um pombo-correio treinado no circuito postal, Derrida sugere que a dele permanece à deriva, flutuando dentro de uma garrafa lançada ao acaso no mar.

Assim como Derrida alude à temática do duplo em Poe, retomando Marie Bonaparte e admoestando Lacan por ter dela se omitido em seu seminário sobre “A carta roubada”, o próprio Derrida parece desprezar os efeitos do duplo no autor dos *Escritos*. Em sua seletividade estratégica, Derrida recorta nos *Escritos* as passagens que mais lhe convém à confirmação de *seu sistema de verdade em Lacan*, homogeneizando este autor e esterilizando a alteridade textual da obra lacanianana. O Derrida-criador dá portanto vida a um Lacan-c(a)ri(c)atura.

Curioso Derrida ter afirmado que a “*quase totalidade*” dos *Escritos* parece pertencer ao *sistema de verdade* por ele extraído nessa obra. O advérbio de intensidade “*quase*”, utilizado oportunamente pelo patrono da *différance* para fazer furo na “*totalidade*”, permite-nos supor que há passagens dos *Escritos* insubordinadas ao *sistema de verdade em Lacan*. Se tais passagens de fato existem, por que Derrida as omitiu? Assim procedendo, não cometeria Derrida com Lacan o mesmo erro que ele denuncia ter Lacan cometido com Poe? Não haveria aí uma duplicação de erros de leitura: Lacan-Poe / Derrida-Lacan?

³⁶ Jacques Derrida, O carteiro da verdade, *op. cit.*, p. 534-535.

³⁷ Jacques Lacan (1957), Seminário sobre “A carta roubada”, in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 45.

Pretendemos então resgatar a trama escriturária subjacente aos *Escritos*, irreduzível ao derridiano *sistema de verdade em Lacan*. Para tanto, abordaremos o texto excluído por Derrida, “A ciência e a verdade”, com o intuito de delimitar seus traços diferenciais e devolver à obra de Lacan sua alteridade textual.

A subversão da verdade em Lacan ou Derrida contra Derrida

“Encontramos, em ‘A ciência e a verdade’, o gérmen do derradeiro ensino de Lacan”³⁸ onde se estabelece uma crítica virulenta ao saber, na condição de tamponamento do impossível de dizer. Major reconhece na fase tardia do ensino lacaniano “a marca subterrânea do pensamento de Derrida”, sacramentada no *Seminário 20*, de 1972/1973. Naquela ocasião, o significante fálico transcendental teria sido promovido à categoria de contingente, entendida como “aquilo que *deixa de não se escrever*”, referido à relação sexual impossível³⁹. A passagem à qual Major se refere provavelmente se encontra no início do segundo tópico do capítulo VIII do *Seminário 20*: “Só como contingência é que, pela psicanálise, o Falo, reservado nos tempos antigos aos Mistérios, parou de não se escrever”⁴⁰. O falo, enfim desalojado de seu abrigo na indivisibilidade da letra, passaria a ser a marca, no gozo, daquilo que resiste a toda significação.

Mas, aceitemos as regras do jogo derridiano e permaneçamos circunscritos aos *Escritos*⁴¹, um dos marcos do estruturalismo na França - movimento cujo apogeu se deu justamente no ano de sua publicação, em 1966 - que Derrida empenha-se em destronar, quase uma década depois. Nossa cartada (ou letrada, se preferirem) consiste em usar Derrida contra Derrida.

De fato, “...a vinculação do acontecimento-Freud à emergência da verdade [enquanto *alétheia* grega, tal como lida por Heidegger] é um traço duradouro no pensamento de Lacan”⁴², muito disseminado nos *Escritos*, que talvez até mesmo constitua sua tese central. Isso não impede, contudo, que leiamos as margens dos *Escritos*, em contraposição ao seu presumido centro identitário. Referimo-nos especificamente à subversão já em curso quando Lacan estabelece a articulação entre a crítica à metalinguagem e a verdade-falante.

Lê-se em “A ciência e a verdade”:

Emprestar minha voz ao sustento dessas palavras intoleráveis, “Eu, a verdade, falo...”, ultrapassa a alegoria. Isso quer dizer, muito simplesmente, tudo o que há por dizer da verdade, da única, ou seja, que não existe metalinguagem (afirmação feita para situar todo o lógico-positivismo), que nenhuma

³⁸ Fernando Coutinho, “Coisas de fineza em psicanálise”, *Latusa Digital*, 6 (37): 1-9, 2009.

³⁹ René Major (1990), Desde Lacan: -, in *Lacan com Derrida*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002, p. 189-191; grifo original.

⁴⁰ Jacques Lacan (1972-73), *O seminário, livro 20: mais, ainda*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, p. 101.

⁴¹ O único texto de Lacan que Derrida cita fora dos *Escritos* é “Enfance aliénée [Infância alienada]”, de 1968. Cf. Jacques Derrida, *O carteiro da verdade*, op. cit., p. 527, nota 48.

⁴² Gilson Iannini, *Estilo e verdade em Jacques Lacan*, Belo Horizonte, Autêntica, 2013, p. 68.

linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo⁴³.

Essa passagem reflete o fechamento de um ciclo, que se conclui ao enodar o aforismo “eu, a verdade, falo” à tese da “impossibilidade da metalinguagem”, ambos veiculados nos *Escritos*⁴⁴. A partir daí, “a crítica à metalinguagem” passou a constituir “um dispositivo de formalização das condições de verdade, que tornou supérflua a [sua] prosopopeia” - objeto da diatribe de Derrida em “O carteiro da verdade” - uma vez que Lacan teria então conseguido “desidentificar a ordem simbólica e o código linguístico”⁴⁵.

Logo na sequência de “A ciência e a verdade”, lê-se: “É por isso que o inconsciente que a diz, o verdadeiro sobre o verdadeiro, é estruturado como uma linguagem...”⁴⁶. Ser estruturado como uma linguagem não mais implica ser reduzido ao simbólico. Em 1965, a linguagem não mais se identifica à ordem simbólica, como talvez ocorresse no Discurso de Roma, de 1953⁴⁷; o desvelamento da verdade como “fala plena”, não tem como extrair sua garantia da pretensa consistência da ordem simbólica (“Outro do Outro” = metalinguagem). O Outro é incompleto, furado. O matema da impossibilidade da metalinguagem, que Lacan posteriormente escreverá S (A barrado), representando o significante da falta do Outro, “tornou-se uma das teses mais estáveis de seu ensino”⁴⁸. Em seu derradeiro ensino, quando de sua aproximação com a obra de James Joyce⁴⁹, Lacan assinalará que nenhum saber pode funcionar em posição de metalinguagem para a psicanálise, sequer a metapsicologia freudiana.

E Lacan prossegue no parágrafo seguinte:

Essa falta do verdadeiro sobre o verdadeiro, que exige todos os fracassos que a metalinguagem constitui no que ela tem de falsa aparência, é propriamente o lugar do *Urverdrängung*, do recalque originário que atrai para si todos os outros - sem contar outros efeitos de retórica, para o reconhecimento dos quais dispomos tão-somente do sujeito da ciência⁵⁰.

“O recalque originário [como fenômeno clínico] está no fundamento da impossibilidade de dizer a verdade da verdade”⁵¹. Curiosa a desatenção seletiva de Derrida a essa passagem, haja vista já ter ele próprio, anteriormente, afirmado que, em Freud, o recalque originário

⁴³ Jacques Lacan (1966) A ciência e a verdade, in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 882.

⁴⁴ A emergência desse aforismo e dessa tese nos *Escritos* de Lacan remete, respectivamente, aos textos “A coisa freudiana ou Sentido do retorno a Freud em psicanálise” (1956) e “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1959).

⁴⁵ Gilson Iannini, *op. cit.*, p. 66.

⁴⁶ Jacques Lacan, A ciência e a verdade, *op. cit.*, p. 882.

⁴⁷ Jacques Lacan (1953) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise, in *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

⁴⁸ Gilson Iannini, *op. cit.*, p. 144.

⁴⁹ Jacques Lacan (1975-76), *O seminário, livro 23: o sinthoma*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.

⁵⁰ Jacques Lacan, A ciência e a verdade, *op. cit.*, p. 882.

⁵¹ Gilson Iannini, *op. cit.*, p. 139.

impõe que a memória falhe, sendo isso mesmo a escrita: espaçamento, *différance* e apagamento originário de uma origem simples e presente; o sentido da escrita é a ausência de um código exaustivo⁵². O nome do recalque primordial para Lacan será *Não há relação sexual*⁵³. Assim, o fato de que a verdade fale não quer dizer que ela diga a verdade, já que sua dimensão é a da contingência (e de toda a equivocação daí decorrente), isto é, “falta o verdadeiro sobre o verdadeiro”. Lacan já estaria aí distanciando-se da *alétheia* heideggeriana e mais próximo da dialética hegeliana entre saber e verdade. Fiel à “estratégia do desvio”⁵⁴, Lacan avança em suas apropriações teóricas e situa em Gödel o problema da “defasagem (*écart*) entre saber e verdade”⁵⁵, que resultaria na tese lacaniana de que a verdade faz furo no saber. O Real, como impossível de se escrever, descompleta a linguagem conferindo-lhe *non-sense*, mal-entendido, equivocação... - tal como nas formações do inconsciente, fenômeno clínico testemunhado diariamente pelo psicanalista, que atesta a contingência do encontro traumático com a Coisa (*das Ding*). Se há algum sentido imanente à linguagem, este está no nível do que Freud chamou pulsão⁵⁶, na busca ativa da satisfação pulsional (gozo)⁵⁷, a despeito do sofrimento implicado - que, para além da regulação pelo princípio do prazer, insiste em falar e não cessa de não se escrever. Eis a verdade do Sujeito: a Coisa fala de si mesma: Isso (*Id*) fala!

Os trechos que destacamos sugerem que “A ciência e a verdade” antecipa e articula dois dos princípios de formalização do ensino tardio de Lacan: (1) a “impossibilidade da relação sexual”; (2) o “semi-dizer a verdade”. Da perspectiva lacaniana, “se não há metalinguagem, é também porque (...) não há uma linguagem capaz de formalizar a inexistência de *rapport* [relação/proporção] entre os sexos”⁵⁸. Acerca da verdade em Lacan, Badiou recenseou três teses: “(i) há verdade (...); (ii) uma verdade é sempre, de uma parte, devedora do dizer, mas, de outra, pode apenas ser meio-dita; (iii) não há critério de verdade, pois a verdade não é exatamente um julgamento, mas uma operação”⁵⁹. Se tal recenseamento não estava ainda formalizado em “A ciência e a verdade”, ao menos algum nível de subversão da verdade já se esboçava aí. Ao Lacan, “pensador da verdade”, seguiu-se outro, “pensador do S (A barrado), do meio-dizer, do semblante generalizado, da ‘variedade’, da ‘verdade [com] estrutura de ficção’”⁶⁰.

⁵² Cf. Jacques Derrida (1967), Freud e a cena da escritura, in *Escritura e diferença*, São Paulo, Perspectiva, 2002, p. 179-227.

⁵³ Cf. Jacques-Alain Miller, *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*, op. cit., p. 58.

⁵⁴ Jean-Luc Nancy & Philippe Lacoue-Labarthe, *O título da letra: uma leitura de Lacan*, São Paulo, Escuta, 1991, p. 117.

⁵⁵ Éric Laurent, *O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2016, p. 29.

⁵⁶ Jacques-Alain Miller, O objeto *a* como consistência topológica, in *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005, p. 327.

⁵⁷ “O que faz sentido para um sujeito é sempre determinado pelo gozo. Digamos que as modalidades do sentido para um sujeito têm a ver com o modo singular de seu gozo”. Jacques-Alain Miller, *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*, op. cit., p. 52.

⁵⁸ Gilson Iannini, *Estilo e verdade em Jacques Lacan*, op. cit., p. 201.

⁵⁹ *Apud* Gilson Iannini, op. cit., p. 56.

⁶⁰ Nathalie Jaudel, *A lenda negra de Jacques Lacan*, op. cit., p. 178.

Examinando o problema das relações entre ciência e verdade sob o prisma da noção de causa e da ideia de “refração”, Lacan mostrou que “A verdade, em psicanálise, não está recalcada (magia), forcluída (ciência) ou denegada (religião). Ela fala. Mas saber escutar essa fala implica descobrir em que língua ela fala e qual a angulação de sua refração. (...) a coisa que fala releva do real” (...) O objeto [a] como causa ausente funciona, pois, como o que articula a verdade como causa e o real como limite”⁶¹. “Se não podemos dizer toda a verdade é pelo fato de haver uma zona, um domínio, um registro (...) da existência, no qual a verdade não tem circulação. Esse registro seria o do gozo, daquilo que satisfaz”⁶². “A função da fala convoca, além da referência à estrutura de linguagem, a substância do gozo”⁶³, operando uma passagem da significação à satisfação. “Lalíngua” (*lalangue*), neologismo criado por Lacan para designar a linguagem como aparelho de gozo, é tecida de significante, mas anterior à articulação significante. Se num primeiro momento de seu ensino (“Seminário sobre ‘A carta roubada’”), Lacan explora a subordinação do gozo ao primado da estrutura da linguagem - autêntica vulgata lacaniana -, a guinada rumo ao seu último ensino (“A ciência e a verdade”) resultará na subordinação da estrutura de linguagem ao gozo. Como um objeto topológico, tão ao gosto de Lacan, os *Escritos* parecem conter em si os germes de seu próprio avesso.

A crítica lacaniana à metalinguagem presente nos *Escritos* não passou, contudo, despercebida a Derrida, que comenta em “O carteiro da verdade”:

A posição transcendental do falo (na cadeia dos significantes à qual ele pertence e que ele torna possível) [segue-se uma nota de rodapé sobre a definição estrita da posição *transcendental*] teria, assim, seu lugar próprio - em termos lacanianos sua letra subtraída a toda a partição - na estrutura fonemática da linguagem. *Nenhum protesto contra a metalinguagem* [grifo nosso] se opõe a este transcendentalismo falocêntrico. Sobretudo se na metalinguagem centramos a linguagem na voz, isto é, no lugar ideal do falo⁶⁴.

Obsecado com o “falocentrismo” - traço fundamental de seu *sistema de verdade em Lacan* - Derrida relevou esta nuance do texto lacaniano (o “protesto contra a metalinguagem”), a qual, se considerada, tende a abalar sua própria leitura de Lacan. Derrida parece criticar Lacan pelo fato de Lacan não tê-lo apreendido por antecipação. Derrida se queixa que o Lacan dos *Escritos* não é derridiano *avant la lettre*. Se seguirmos Major⁶⁵, Lacan só assimilaria Derrida no *Seminário 20*, de 1972/1973 - eximimo-nos de adentrar nessa controvérsia sobre as relações entre Lacan e Derrida e suas disputas por prioridade intelectual, que opôs René Major (partidário de Derrida) a Alain Badiou (partidário de Lacan) na ocasião de um colóquio do Colégio Internacional de Filosofia, *Lacan avec les Philosophes*, ocorrido em 1992⁶⁶. Fato é que Derrida incorre no “ponto de vista da cegueira”,

⁶¹ Gilson Iannini, *op. cit.*, p. 234.

⁶² Jacques-Alain Miller, *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*, *op. cit.*, p. 159.

⁶³ *Ibid.*, p. 186.

⁶⁴ Jacques Derrida, *O carteiro da verdade*, *op. cit.*, p. 524.

⁶⁵ René Major, *Desde Lacan*, *op. cit.*

⁶⁶ Cf. Jacques Derrida, *Résistances de la psychanalyse*, Paris, Galilée, 1996.

segundo a expressão de Paul de Man⁶⁷, em seu recorte tendencioso dos *Escritos*, ilustrado por sua fixação à parte interessada dessa obra, cujo conteúdo confirma sua tese. Major já alertava haver entre os trabalhos de Derrida e Lacan uma “proximidade às vezes perturbadora [*Unheimlich?*], que muitas vezes cegava”⁶⁸.

Nenhum demérito à análise magistral que Derrida empreende do “Seminário sobre ‘A carta roubada’”, texto dos primórdios do ensino de Lacan, no qual, de fato, ele confunde conceitos que posteriormente separaria, o significante e a “letra”⁶⁹, e se seduz pelo canto da sereia do estruturalismo linguístico, ao reduzir a estrutura à combinatória pura e simples do significante, deixando de fora os efeitos [de gozo] que ela determina. Contudo, paradoxalmente, a própria introdução do “Seminário sobre ‘A carta roubada’” já possuía ao menos um elemento desestabilizador da doutrina lacaniana da verdade, quando Lacan alude à metáfora do *caput mortuum* (literalmente, “cabeça morta”), “que não é o significante, mas seu resíduo, é a letra que fica fora da cadeia, que está logicamente proibida de aparecer, mas que causa toda a insistência, toda a repetição”⁷⁰. O *caput mortuum* confere à letra uma dimensão Real, e não Simbólica. Porém, não sejamos mais realistas que o rei, e não cobremos de Derrida uma leitura enviesada que talvez somente uma transferência de trabalho com Lacan pudesse ter-lhe proporcionado⁷¹. Acatamos aqui a leitura derridiana atenta e sua crítica consistente ao “Seminário sobre ‘A carta roubada’” denunciando ser este um texto datado e, até certo ponto, anacrônico já em meados dos anos 1970, ocasião na qual Derrida o comenta.

O problema surge quando Derrida generaliza, a nosso ver, indevidamente, ao conjunto de textos dos *Escritos*, os resultados obtidos a partir de sua análise específica do texto de abertura dessa obra (“Seminário sobre ‘A carta roubada’”). Essa força da crítica derridiana acaba por aproximá-la das leituras sistemáticas dogmatizantes, atributivas de uma identidade de sentido textual, afastando-a das leituras “próximas e desconstrutivas” - inclusive daquelas inspiradas em Derrida - que abordam os traços diferenciais “explora[ndo] as tensões, as trilhas perdidas, as pequenas aberturas do texto que a leitura clássica tende a fechar”⁷².

⁶⁷ Paul de Man, *O ponto de vista da cegueira*, Lisboa, Cotovia, 1999.

⁶⁸ René Major, Desde Lacan-, *op. cit.*, p. 181.

⁶⁹ Trata-se do significante isolado da cadeia, definido como o litoral entre o simbólico e o real, “terra do litoral”, “rasura de todo traço que esteja antes”. Mais tarde, a letra aproximar-se-á da noção de gozo não-todo-fálico ou gozo do Outro. Cf. Pierre Kaufmann, *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996, p. 285-286.

⁷⁰ Claudia de Moraes Rego, *Traço, letra, escrita: Freud, Lacan, Derrida*, Rio de Janeiro, 7 Letras, 2006, p. 179.

⁷¹ Um exemplo emblemático desse tipo de leitura é a que faz Jacques-Alain Miller ao localizar numa passagem de um texto dos *Escritos* (“Subversão do sujeito e dialética do desejo”) o advento do “falo simbólico que é impossível de negativizar, significante do gozo (...) há, para o sujeito, e mais exatamente para o falasser [ser falante], um ‘impossível negativar’, um positivo absoluto a que designamos gozo”; esse “gozo como de impossível negatização” “designa um gozo mais-além da castração, ou também alguém dela” e anteciparia o esforço do último e derradeiro ensino de Lacan em fazer passar o gozo do plano lógico ao plano ôntico: “o que Lacan chamou de *sinthoma* é um conceito que tenta aproximar-se da substância gozante, da dimensão ôntica do gozo”. Cf. Jacques-Alain Miller, *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan*, *op. cit.*, p. 180-183, p. 185, p. 189.

⁷² Luís Cláudio Figueiredo. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*, São Paulo, Escuta, 1999, p. 19.

A partir de sua consistência como “Outro do Outro” forjada em “O carteiro da verdade”, o Derrida do Derrida funda aí, metalinguisticamente, a verdade da verdade em Lacan. O “primeiro Lacan” (o Lacan dos *Escritos*) torna-se assim o metafísico de Derrida. Se essa versão é, por um lado, exitosa - em se tratando de sua boa recepção -, por outro, é também cara ao filósofo franco-argelino; afinal de contas, como procuramos mostrar, sempre se é o metafísico de alguém e Derrida, pelo visto, não foge à *regra*⁷³ quando de posse da carta/letra lacaniana. Como afirma o narrador de “A carta roubada”: “...é a posse da carta, e não qualquer emprego da mesma, que lhe confere [ao seu portador] poder. Se ele a usar, o poder se dissipa”⁷⁴. Nesse sentido, o poder de Derrida sobre Lacan, em seu usufruto da carta/letra lacaniana parece ter se dissipado, como Johnson⁷⁵ e Žižek⁷⁶, antes de nós, de forma muito mais contundente, já haviam mostrado por caminhos diversos.

⁷³ Esse termo equivoca entre a disposição normativa e o ciclo menstrual feminino. Aludimos aqui à posição feminina atribuída por Lacan aos personagens no conto de Poe possuidores da carta/letra roubada. Teria Derrida se tornado um deles?

⁷⁴ Edgar Allan Poe, A carta roubada, in *Histórias extraordinárias*, São Paulo, Nova Cultural, 2002, p. 206-207.

⁷⁵ Barbara Johnson (1977), The frame of reference: Poe, Lacan, Derrida, in Muller & Richardson (ed.) *The purloined Poe: Lacan, Derrida and psychoanalytic reading*, Baltimore, The John Hopkins University Press, 1988, p. 213-251.

⁷⁶ Slavoj Žižek, Why does a letter always arrive at his destination? in *Enjoy your symptom! Jacques Lacan in Hollywood and out*, New York, Routledge, 1992, p. 1-28.

Referências

- Bloom, H. (1973/2002), *A angústia da influência: uma teoria da poesia*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bonaparte, M. (1933/1988) *Selections from The Life and Wofks of Edgar Allan Poe: A Psycho-analytic Interpretation*. In: Muller, J. P. & Richardson, W. J. (ed.) *The Purloined Poe: Lacan, Derrida and Psychoanalytic Reading*. Baltimore: The John Hopkins University Press, p. 101-132.
- Coutinho, F. (2009) Coisas de fineza em psicanálise, *Latusa Digital*, 6 (37): 1-9. Disponível em: http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_37_a1.pdf. Acesso em 20/06/2016.
- Derrida, J. (1967/2002) Freud e a cena da escritura. In: *Escritura e diferença*. São Paulo: Perspectiva, p. 179-227.
- Derrida, J. (1975/2007) O carteiro da verdade. In: *O cartão-postal: de Sócrates a Freud e além*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 457-542.
- Derrida, J. (1975/1980) Le facteur de la vérité. In: *La carte postale: de Socrate à Freud et au-delà*, Paris: Flammarion, p. 439-524.
- Derrida, J. (1996) *Résistances de la psychanalyse*. Paris: Galilée.
- Figueiredo, L. C. (1999) *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.
- Gerbasi, J. (2015) *Atos de fala*. Salvador: Campo Psicanalítico.
- Iannini, G. (2013) *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Jaudel, N. (2016) *A lenda negra de Jacques Lacan: Élisabeth Roudinesco e o seu método histórico*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Johnson, B. (1977/1988) The frame of reference: Poe, Lacan, Derrida. In: Muller, J. P. & Richardson, W. J. (ed.) *The purloined Poe: Lacan, Derrida and psychoanalytic reading*. Baltimore: The John Hopkins University Press, p. 213-251.
- Kaufmann, P. (1996) *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1953/2008) *O mito individual do neurótico ou Poesia e verdade na neurose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1953/1998) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 238-324.
- Lacan, J. (1956/1998) A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 402-437.

Lacan, J. (1957/1998) Seminário sobre “A carta roubada”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 13-66.

Lacan, J. (1957/1998) A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud, In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 496-533.

Lacan, J. (1959/1998) De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 537-590.

Lacan, J. (1960/1998) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 807-842.

Lacan, J. (1966/1998) A ciência e a verdade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 869-892.

Lacan, J. (1972-73/2007) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1975-76/2007) *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Laurent, E. (2016) *O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Major, R. (1987/2002) A parábola da carta. In: *Lacan com Derrida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 55-140.

Major, R. (1990/2002), Desde Lacan: -. In: *Lacan com Derrida*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 189-191.

Man, P. de (1999) *O ponto de vista da cegueira*. Lisboa: Cotovia.

Miller, J-A. (1995/2005) O objeto *a* como consistência topológica. In: *Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 320-334.

Miller, J-A. (2008-09/2011) *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Nancy, J-L. & Lacoue-Labarthe, P. (1973/1991) *O título da letra: uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta.

Poe, E. A. (1844/2002) A carta roubada. In: *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Nova Cultural, p. 206-207.

Rego, C. M. (2006) *Traço, letra, escrita: Freud, Lacan, Derrida*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

Zizek, S. (1992) Why does a letter always arrive at his destination? In: *Enjoy your symptom! Jacques Lacan in Hollywood and out*. New York: Routledge, p. 1-28.